

Cabeças falantes

Paulo Pestana

Foi dada a largada e a primeira constatação do programa eleitoral gratuito da tevê é que Brasília é uma cidade pródiga em desconhecidos. A estréia foi exclusiva dos candidatos a deputado federal e deputado distrital. Na série de cabeças falantes parecem faltar cabeças pensantes e o eleitor ficou diante de um festival monótono de apresentações em que só as tapadeiras - cenários ao fundo dos candidatos - eram modificadas de acordo com as legendas.

Como ninguém falou nada de significativo, vamos às imagens: o único que tentou dar um drible na rigorosa Lei Eleitoral, que não permite nada além do rosto e da voz dos candidatos, foi Osório Adriano. Ele se posicionou ao lado de dois monitores de televisão que mudavam as imagens de acordo com o texto que ia sendo dito pelo candidato.

O erro imperdoável do primeiro dia pertenceu ao candida-

to Luis Estevão, que não vem economizando na campanha, **mas falou com delay**, uma falta de sincronia entre o som e a imagem, parecendo dublagem de novela mexicana. O figadal inimigo dele, deputado Paulo Octávio, preferiu falar em pé, mas num cenário escuro, fantasmagórico, que mais escondia do que ressaltava o candidato.

Merece destaque a falta de modéstia de candidatos à reeleição. Pelo menos três deles - Chico Vigilante, Agnello Queirós e Cláudio Monteiro - repetiam o mesmo bordão: "você já me conhece". O primo pobre do humor, o trocadilho, também foi uma presença constante.

O candidato Testa disse que era testa na cabeça, o Canal quer ser o **seu** canal e o mímico Mi-quéias Paz disse que quer falar - e falou. Mas o momento inesquecível do primeiro dia de programa pertenceu a um infável candidato de número 1111 que conclamava os possíveis eleitores: "é tetra, gente".